

ÍNDICE

Nota Editorial.....	13
Prefácio.....	15

VIAGEM A GRANADA

Três Poemas para Três Homens

Leibnitz	39
Gurdjieff.....	40
Tomé Natanael.....	41

Textos de Arte Poética

De um caderno de apontamentos.....	45
O Vale do Infante	52
Sobre a metáfora	57
A cabra	60
O messianismo de Camões	63

Viagem a Granada

Teoria da imaginação em Álvaro Ribeiro	73
Viagem a Granada	79

Entrevistas

Sobre o entrevistado.....	93
Entrevista à revista <i>Ler</i> , conduzida por Francisco José Viegas.....	95

Entrevista à revista brasileira <i>Encontro</i> , conduzida por Ângelo Monteiro	108
Sobre o jogo, entrevista conduzida por um anónimo.....	115
Sobre o mestre e sobre o discípulo, entrevista conduzida por um anónimo	120
Conversando com Tomé Natanael.....	125

Polémica sem Guerra

O <i>Timeu</i> e o conceito de analogia em Leonardo Coimbra.....	133
Carta a António Telmo	146
Carta a Henrique Barrilaro Ruas	158

Teoria do Encoberto

Esotérico e exotérico	169
Sampaio Bruno, o “Encoberto”	171
Sampaio Bruno e Isaac Lúria.....	177
O mito do Encoberto.....	187
Páginas sobre José Marinho de um livro que não foi escrito.....	192
Nota sobre <i>O Enigma dos Painéis</i> , de uma carta a Afonso Botelho.....	197

Sobre Álvaro Ribeiro

O pensamento ocultista e revolucionário de Álvaro Ribeiro.....	201
Oarística	204
A influência da Cabala em Portugal.....	208

Língua, Ensino e Fernando Pessoa

O génio da língua portuguesa	219
Prefácio ao livro de Ivone de Moura <i>Por outras palavras</i>	225
O discurso do método (Reflexões de um professor)	229
Do ensino da História de Portugal pela <i>Mensagem</i> de Fernando Pessoa	243

Encontros com Gente Notável

José Marinho	249
Afonso Botelho, o filósofo da Saudade	251
António Quadros, a Lua e a Primavera.....	255
Dalila Pereira da Costa e o pensamento místico	259
Pinharanda Gomes, o filósofo auto-didacta	262
Carlos Aurélio, pintor de arte.....	270
Isabel Xavier ou a arte de sentir	276
Rafael Monteiro, o grande solitário	279

P O E S I A

Poemas da Juventude

Dionisio.....	287
Narciso	293
[Terra escura de carne dolorida]	303
[Que é que custa, senhores? fui a teatro].....	304
[O teu amor não veio, moça? choras.]	305
[Olhos, pias sagradas de ágoa benta,].....	306
[Malmequer, tu tens o coração a arder,].....	307

Da Vida, dos Companheiros e dos Lugares

Horóscopo	311
[Tudo quanto sei do Sol e da Lua].....	312
[A família é de noite quando se dorme].....	313
Legenda para o brasão de Sesimbra	314
[Primeira maravilha]	315
Sesimbra	316
[Mississipi].....	317
[O Redondo é uma roda]	319
Vem aí o Ano Novo	320
[A Guida telefonou-me]	322
Ó fonte da Califórnia.....	323
[Almada Negreiros]	325

[Manuel]	326
José Preto	327
Balada de Sesimbra	328
José Marinho	329
[Foi na Serra da Achada]	330
Ao Cagica Rapaz	331

Do Eu e das Perplexidades

[Ave, sombra que pairas sobre o lago]	335
[Pôr-me perto de acordo com o longe]	336
[Sou dono de matar em mim a vida?]	339
[A minha fé tem a medida do que sou.]	340
[Que se passou na infância que não lembro]	341
[A direcção que pus no meu sentido]	342
[A luz e o calor crescem]	344
[Deixar que o pensamento se fizesse]	345
[Secou a fonte. Donde vinha a água?]	346
Ao António Reis Marques	347
[Traço a estrela de David]	348
Noite	349
[A flauta toca e Cesário dorme]	350
Ao Senhor dos mundos	351
[Fumo]	352
A mim próprio	353
Tomé Natanael	354

Filosofia e Conhecimento

[Soltam-se puros no “espaço” perfeito]	357
[Uma vez conheci pelo Espírito Santo,]	359
Luz	360
Acústica de Pascal do programa dos liceus	361
Poema	362

Do Símbolo ao Sagrado

Balada de meia redenção	365
[“Da décima parte um décimo da luz”]	369
Acácia	370
Coro dos sátiros, assistindo ao nascimento de C. C. B.	371
[Enquanto dormia pela manhã]	373
[Se a Primavera vai e volta sempre]	374
[Um barco é uma lua]	376
Leibnitz	377

Ocidentes e Orientes: Os Paradoxais Lugares da Luz

[Trocaram as lanternas no meu barco]	381
[Se trocares as lâmpadas no Templo]	382
Pessoa e Camões	383
[Deslocaram a luz do Sul pr’o Norte]	384
Mestria.....	385

Natureza e Cosmos

Se o sol arde e brilha continuamente	389
[A Lua Nova veio e o tempo é triste]	390
Laranjal.....	391
O tempo	392
[Maré vazia, maré-cheia]	393
Ave, peixe, pedra	394

Crítica e Sátira

Rotina.....	397
Os Elixires são a prova	398
Levaram luz pr’o onde reina a treva	399
“ <i>Camilo, sozinho</i> ”	400
<i>Manhã dos Reis Magos (6 de Janeiro)</i>	401
A noite na noite um ponto preto.....	402

[Somos pobres de tudo]	403
Gurdjieff.....	404
Soneto	406
[Microclima natural]	407
[Nos dias de céu zangado]	408
[São sérios serventuários]	409
[Abusam de nós]	410
[Naquela assembleia].....	411
Soneto	412
[Têm gestos e falam, coisa estranha!]	413
Dostoiewskiana.....	414
[Houve um tremor de terra em Ascoli].....	415
Diz o que pensas	417

Prosa Poética

[Aqui há muitos anos]	421
[Olho uma árvore, um pinheiro]	423
[Olhávamos a paisagem a ocidente].....	424
[Quando o vento move as árvores]	426
O Vale do Infante	427

Arte Poética

[Fazer versos naturais]	431
[Fecho os olhos e escuto atentamente].....	433
[Repete-se, repete-se, repete-se.]	434
Os Pessoas.....	435
[Meu Deus, o que se escreve em vão]	436

Posfácio.....	437
---------------	-----

VIAGEM A GRANADA

«Sayyed Haydar vivia então na zona oriental de Baghdâd no bairro de *Ra's al-Jarr*, em frente de uma escola de teologia, a *Madrasa moghithiyya*. Estava ali uma noite contemplando o céu na direcção do nordeste. Vê então nesta região do céu uma figura na forma de um quadrado com catorze círculos que lhe eram tangentes quer no interior quer no exterior do perímetro.

Estavam inscritos nestes círculos os nomes dos Doze Imâns, mais exactamente os nomes dos Catorze Imaculados. Sayyed Haydar esclarece: os Imaculados são, sob certo aspecto, doze e, sob outro aspecto, catorze. Os Doze Imâns como dimensão “esotérica” (*walâyat*) da Realidade ou Luz mohammadina eterna formam o pleroma dos Catorze com o Profeta, dimensão “exotérica” (*nobuwat*) e com Fátima, sua filha e sua mãe, em que confluem as duas luzes, luz da profecia e luz da iniciação (*walâyat*)

Os nomes dos Catorze estavam escritos a *ouro vermelho* nos círculos em *lápis lazúli*.»

«O Universo resplandecia com o esplendor desta figura.»

Numa segunda visão, estando Sayyed Haydar em Khorassan, contemplava a mesma região do céu, formou-se nela uma figura rectangular perfeita (dez por quatro), figura em *lápis lazúli* que tinha inscritos a



oiro os nomes Allâh, Mohammad, Ali. Ali é o nome do primeiro Imân, aquele que abre o ciclo da iniciação.

Tive notícia destas duas visões há apenas alguns meses ao ler o terceiro volume dos quatro de Henry Corbin que compõem o livro *No Islão dos Persas*. Ela trouxe-me alegria e espanto. Porquê?

É que, dez anos² atrás, não sei porque mereci uma visão semelhante, eu que não sou islamita, mas apenas um filósofo de raiz cristã, um filósofo de filosofia portuguesa, mais preocupado com o pensamento de Leonardo Coimbra, de Álvaro Ribeiro e de José Marinho e completamente ignorante então do shiismo e dos seus Doze Imâns.

É certo que a visão se deu na véspera da partida para Granada, onde fui nesse mesmo dia convidado por dois islamitas a participar numa semana de encontros com gente muçulmana vinda dos quatro cantos do mundo. O convite foi completamente inesperado. Sem ele, eu teria, na mesma, partido no dia seguinte para Granada, pois tínhamos combinado, eu e três amigos, passar ali a Páscoa, mas em simples gozo de férias e levados por superficiais interesses paisagísticos. Os dois islamitas, um meu amigo há anos e o outro um jovem argentino, asseguravam para mim e para quem eu quisesse levar comigo comida e estadia sem o mínimo dispêndio de dinheiro. Pertenciam ambos a uma Taríka funcionando em Granada e dirigida por um Shaykh de nacionalidade irlandesa do qual me deixaram dois livros, dois pequenos livros que logo vi, folheando-os, que não tinham qualquer interesse filosófico ou metafísico. O convite agradou-me porque vinha resolver algumas dificuldades de dinheiros e porque me proporcionava a ocasião de satisfazer a *curiosidade* das coisas islâmicas. Nem sequer fui muito sensível ao facto de o convite *coincidir* com o que tínhamos programado. Apanhou-me *distraído*.

Nessa noite tive uma dupla visão que, como a de Sayyed Haydar, não foi em sonho. Do lado do Oriente, formou-se na minha frente, três

² N. do O. – Nas duas primeiras edições de *Viagem a Granada* surge, neste ponto, “três anos”. Trata-se de lapso manifesto, que corrigimos, não só porque em passagens subsequentes do texto António Telmo fala sempre em dez anos, mas também porque, atendendo à biografia do autor e ao facto de este escrito, como resulta do seu teor, ser do meado dos anos 90, o período mais longo é que é congruente.



metros acima da linha horizontal do olhar, uma figura rectangular perfeita dividida em doze quadrados dispostos em três filas e em cada um deles, coisa espantosa!, um rosto impressionante de árabe ou de persa (penso-o agora) com a cabeça envolvida por um turbante. Eram doze figuras veneráveis. A minha vista fixava-se na que aparecia no quadrado superior direito, mas via-os todos. Eram o mesmo, mas contudo diferentes; eram diferentes, mas contudo o mesmo. Emanava daqueles rostos uma força que não era muscular, mas a da vida indescritível do Espírito. O seu tamanho era três vezes maior do que o de um rosto normal.

Comecei a rezar o Pai-Nosso, mas a minha voz perdia-se no coro das suas vozes que em perfeita sinfonia silábica com a minha ressoavam como trovões. E, não obstante o som imenso, as palavras da oração cristã eram perfeitamente nítidas. Quando em coro dissemos Ámen, a visão desfez-se dando lugar a outra. No céu profundo, muito alta, brilhava a lua cheia que eu via através dos ramos de uma árvore seca muito branca que se erguia um pouco para a minha direita. Havia na visão uma grande serenidade e um grande silêncio, mas de repente não a terra mas todo o universo começou a tremer violentamente, como que sacudido por uma força interior imensa. Não suportei o abalo e caí para trás. Ao meu lado esquerdo estava caído também um dos amigos que devia ir comigo a Granada. Eu segurava-o pelo cotovelo que foi instantaneamente sentido como um cepo seco de vinha. E então uma risadinha trocista que mal se ouvia soou num ponto do espaço alguns metros à minha frente e alguns metros por cima de mim, do lado esquerdo.

Há dez anos, eu não sabia nada, como disse, do Shiismo e dos seus Doze Imãs, mas conhecia do Corão a Surata XIV, dita “surata da Lua”. Emergindo da visão, relatei instinctivamente a sua segunda fase com misterioso versículo que abre a surata: «A Hora está eminent e a Lua se fendeu.» Transcrevo de Henry Corbin alguns trechos que vêm confirmar e aprofundar a minha primeira intuição:

«Os exegetas literalistas têm-se sentido embaraçados para dar uma explicação coerente deste versículo e para estabelecer uma ligação entre os dois elementos que o compõem. A iminência da Hora relaciona-nos com o evento da Ressurreição, entendido de um modo todo objectivo e exterior, como o evento que deverá vir fechar, no fim do tempo histórico, a série de eventos dos quais ele



LUZ⁶⁰

Neste sentir que a luz é minha essência
E que meu corpo é uma forma dela
Há mais poesia que inteligência
Sentir a luz não é ainda tê-la.

Ah! Mas se eu que olho aquela vaga estrela
A visse tal qual é, luminescência
Produzir-se no íntimo de euvê-la
Um firme esplendor sem evanescência

Por modo que sem olhar a visse ainda
No azul profundo da alma serenada
Alta e preclara cintilando linda,
Por entre turvas trevas e o nada
Faria sem temor a caminhada
Que Deus manda fazer e jamais finda.

⁶⁰ Poema inédito sobre um tema omnipresente não apenas na poesia de Telmo, mas na sua obra em geral: a luz. Os exemplos não terminariam.



ACÚSTICA DE PASCAL DO PROGRAMA DOS LICEUS⁶¹

Soa na rua um pífarо, lindo!...
Fora de casa, na rua, soa.
Mas onde o estou ouvindo?
É cá dentro que o pífarо ressoa.

Mas, se o ouço cá, como soa lá?
Se o som vem em ondas e bate no ouvido
E só no ouvido o tenho, como se dá
Que o saiba ali donde é partido?

É como o foguete no arraial.
Ouço-o onde rebenta e, no entanto,
Passou tempo sobre o estralejar
E só em mim há som e não há longe.

É como quando lembro o que passou:
Já não há nada onde foi e está lá.
Monsieur Pascal, se vomecê na França errou,
Por que nos ensinam isso cá?

⁶¹ Publicado em *A Hora de Anjos Haver: poemas*. Pelo seu final, este poema também poderia estar em “Crítica e sátira”.

